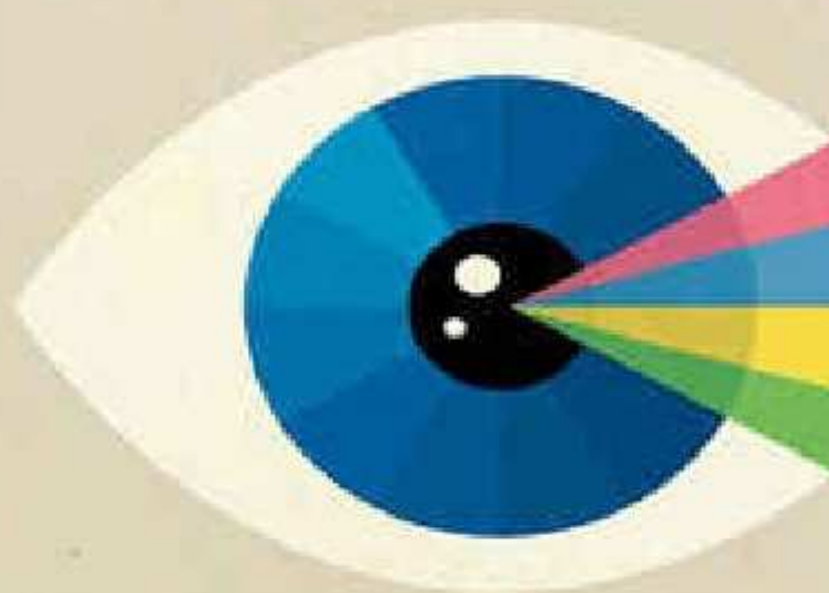


"Um livro fascinante que fará você ver o mundo com muito mais clareza,
transformando sua maneira de lidar com desafios e oportunidades."
Leonard Mlodinow, autor de *O andar do bêbado* e *Subliminar*

AMY E. HERMAN



INTELIGÊNCIA VISUAL

**APRENDA A ARTE DA PERCEPÇÃO
E TRANSFORME SUA VIDA**

Amy E. Herman

Inteligência visual

Aprenda a arte da percepção e transforme sua vida

Tradução:

George Schlesinger



Amy E. Herman

Inteligência visual

Aprenda a arte da percepção e transforme sua vida

Tradução:

George Schlesinger



Para Ian. Tudo. Sempre.

O mundo está cheio de coisas mágicas,
esperando pacientemente que os nossos
sentidos fiquem mais aguçados.

AUTOR DESCONHECIDO

Sumário

Nota da autora

Introdução

PARTE I **Avaliar**

1. Leonardo da Vinci e perder a cabeça
O valor de ver o que importa
2. Habilidades elementares
Dominar a fina arte da observação
3. O ornitorrinco e o Ladrão de Casaca
Por que duas pessoas nunca veem as coisas da mesma maneira
4. Os comissários de bordo prestam atenção
O “quem”, o “quê”, o “quando” e o “onde” da observação objetiva
5. O que se esconde bem diante dos olhos?
Ver a floresta e as árvores

PARTE II **Analisar**

6. Saiba olhar ao redor
Analisar a partir de todos os ângulos
7. Ver o que está faltando
Como priorizar como um agente infiltrado

PARTE III **Articular**

8. Tornar conhecido o seu desconhecido
Como evitar colapsos na comunicação
9. A grande (nua, obesa) Sue e o diretor do colégio
Como ver e compartilhar verdades duras

PARTE IV **Adaptar**

10. Nada é preto e branco
Superar os nossos vieses inerentes
11. O que fazer quando as macas acabam
Como navegar através da incerteza

Conclusão: A sua obra-prima

Notas

Créditos das ilustrações

Agradecimentos

Índice remissivo

Nota da autora

Tem sido um grande privilégio para mim lecionar A Arte da Percepção nos últimos catorze anos. Durante esse tempo, conversei e escrevi a milhares de pessoas do mundo inteiro sobre suas experiências com arte, observação, percepção e comunicação. Uma vez que algumas dessas conversas aconteceram anos antes que este livro sequer fosse uma ideia; que os maravilhosos participantes do meu programa não planejavam fazer parte deste livro quando se inscreveram para minhas aulas; e que muitos dos meus entrevistados têm empregos e cargos estratégicos, troquei os nomes e os detalhes de identificação da maioria das pessoas cujas histórias aparecem no livro, para proteger sua privacidade. Quaisquer semelhanças com pessoas vivas ou mortas são mera coincidência, não intencionais. *Inteligência visual* é uma obra de não ficção. Todas as histórias são narradas conforme aconteceram ou me foram contadas, sujeitas às limitações da memória. Não pude fazer a checagem factual de todas elas; incluí apenas as que acreditei serem verdadeiras.

Introdução

ENQUANTO EU AGUARDAVA no saguão do lado de fora do apartamento, tudo assumiu um aspecto enevoadado, em câmera lenta. Gritos ecoavam atrás da porta. Partículas de poeira dançavam na luz fluorescente. Um gato miou de algum lugar à minha esquerda. O policial à minha frente ergueu o punho para bater, ao passo que seu parceiro – tenso, armado, pronto para agir – dava-lhe cobertura. À medida que a briga doméstica ressoava atrás da porta, o cano da arma do segundo policial abria sua boca negra como num grito silencioso. Como é que eu tinha ido parar ali?

Desde pequena, eu via arte em tudo: na bela assimetria dos raios de sol penetrando pelas árvores e nos padrões únicos de pedras e conchas que se formavam quando a maré baixava. Eu mesma nunca fui uma pessoa particularmente criativa, mas isso não me impediu de estudar história da arte. Depois da faculdade, porém, o fato de ter sido criada por um pai cientista e uma mãe extremamente prática, e o desejo de ser útil, acabaram me levando à escola de Direito. E a este acompanhamento policial particularmente intenso.

Para me desligar da preocupação que borbulhava nas minhas entranhas, estudei os arredores como faria com uma pintura, analisando cada nuance, fazendo um balanço do primeiro plano e do fundo, tentando achar significado em pequenos detalhes, aparentemente sem importância. Eu sabia que era um jeito inusitado de pensar – já tinham me dito isso muitas vezes –, mas sempre achei o meu background em arte útil na prática do Direito, onde a necessidade de ser um observador objetivo é essencial.

E então tive um pensamento terrível: e se os policiais com quem eu estava não tivessem tais habilidades? O que o primeiro policial veria quando a porta se abrisse – fosse um bebê chorando, uma senhora idosa confusa ou um

maluco empunhando uma arma – e como o transmitiria ao parceiro naquela fração de segundo afetaria o resultado para cada um de nós. A minha vida estava nas mãos de um completo estranho e de sua habilidade de ver e transmitir acuradamente o que visse.

Felizmente a polícia foi capaz de neutralizar a situação e a minha experiência não acabou em desastre, mas – como geralmente acontece quando estamos frente a frente com uma arma pela primeira vez, ou somos forçados a encarar a nossa própria mortalidade – a situação me atormentou durante os anos seguintes. Quantas vezes as nossas vidas dependem das habilidades de observação de outra pessoa? Para a maioria de nós, são vezes demais para se contar: sempre que pegamos um avião ou um trem, ou entramos num táxi, ou vamos para uma mesa de operação. Nem sempre é caso de vida ou morte; às vezes é simplesmente algo que altera nossa vida. A atenção das outras pessoas ao detalhe e ao acompanhamento da situação também pode afetar nosso emprego, nossa reputação, nossa segurança e o nosso sucesso. E nós podemos afetar tudo isso nos outros. É uma responsabilidade que não devemos assumir levianamente, pois pode significar a diferença entre uma promoção e um afastamento, entre um triunfo e uma tragédia, entre uma terça-feira comum e o 11 de Setembro.

Enxergar com mais clareza e comunicar mais efetivamente não são uma ciência complicada; são habilidades simples e diretas. Nós nascemos equipados para ambas. Porém, com mais frequência do que queremos admitir, fracassamos no uso dessas habilidades. Aparecemos no portão de embarque errado e tentamos embarcar num avião que não é o nosso, mandamos um e-mail para o destinatário errado dizendo algo que nunca deveríamos ter dito, perdemos uma peça-chave de evidência que estava bem na nossa cara. Por quê? Porque também somos equipados para cometer esses erros.

Nossos cérebros só podem ver até certo ponto, e conseguem processar ainda menos. Eu sabia disso depois de anos praticando o Direito e presenciando em primeira mão a pouca confiabilidade de testemunhas oculares, além da falibilidade de relatos na primeira pessoa, mas foi só quando segui meu coração de volta ao mundo da arte que de fato comecei a

investigar ativamente os mistérios da percepção. Como chefe de educação da Frick Collection em Nova York, ajudei a trazer para as escolas de medicina da cidade um curso criado por um professor de dermatologia em Yale, ensinando os estudantes a analisar obras de arte para aperfeiçoar suas habilidades de observação. O curso foi um sucesso¹ – um estudo clínico concluiu que os estudantes que o fizeram mostravam habilidades de diagnóstico 56% melhores que os colegas que não o haviam feito –, e eu queria entender a ciência por trás daquilo. Queria saber mais sobre a mecânica de como vemos e de que modo olhar arte poderia melhorar nossa capacidade.

Tornei-me fanática por neurociência, lendo qualquer pesquisa que pudesse encontrar e entrevistando os pesquisadores que as conduziam. Cheguei até a me inscrever num “video game” on-line da comunidade neurocientífica. E descobri que, enquanto as minhas próprias percepções sobre como vemos estavam equivocadas em muitos aspectos – aparentemente a retina é parte do cérebro, não do olho –, elas estavam corretas nos mais importantes: ainda que não entendamos plenamente o cérebro humano, podemos modificá-lo. Podemos treinar o nosso cérebro para ver mais, e para observar mais acuradamente.

E, como frequentemente faço quando aprendo algo fantástico, eu quis dividir isso com todo mundo, não só com estudantes de medicina. Durante um jantar com amigos, eu estava contando a eles algumas coisas que tinha aprendido certa noite, pouco depois do 11 de Setembro, quando a cidade ainda revivia os ataques terroristas e as histórias de heroísmo e comoção que se seguiram. Um dos meus amigos perguntou se eu havia considerado treinar pessoal dos serviços de emergência e primeiros-socorros. Isso não tinha passado pela minha cabeça, mas, quando recordei o meu medo naquele saguão de edifício na época em que estudava Direito, sem saber como os policiais com quem eu estava veriam ou reagiriam ao que vissem, tudo fez perfeito sentido. Apaixonei-me pela ideia de juntar tiras com Rembrandt; eu só precisava convencer a comunidade responsável pela aplicação da lei. Na segunda-feira seguinte liguei na caradura para o Departamento de Polícia de Nova York.

“Eu gostaria de trazer os seus policiais ao nosso museu para olhar um pouco de arte”, disse ao atordoado vice-comissário. Eu meio que esperava que ele desligasse na minha cara, mas ele concordou em fazer uma tentativa. Dentro de algumas semanas, tínhamos gente armada na Frick pela primeira vez na história, e assim nascia A Arte da Percepção.

Já faz catorze anos que venho dando esse curso, treinando policiais de treze divisões do Departamento de Polícia de Nova York, bem como dos departamentos de polícia em Washington, DC, Chicago e Filadélfia, a Polícia do Estado da Virgínia e a Associação dos Chefes de Polícia de Ohio. O comentário de que o programa era eficaz espalhou-se rapidamente, e a minha lista de clientes cresceu, passando a incluir: nos Estados Unidos, o FBI, o Departamento de Segurança Interna, o Exército, a Marinha, a Guarda Nacional, o Serviço Secreto, a Polícia Civil Federal, o Banco Central, o Departamento de Justiça, o Departamento de Estado e o Serviço Nacional de Parques; além da Scotland Yard.

O *Wall Street Journal*² logo fez uma matéria descrevendo o meu curso e seus efeitos positivos sobre entidades encarregadas de fazer vigorar as leis, setores legais e militares, numa história sobre um agente infiltrado do FBI que creditou às minhas aulas o aguçamento de suas habilidades de observação. Depois de fazer o curso,³ o agente foi capaz de coletar provas incriminadoras contra um sindicato de coleta de lixo controlado pela máfia, o que resultou em 34 condenações e na apropriação pelo governo de 60 a 100 milhões de dólares em bens. Quase imediatamente, comecei a receber telefonemas de empresas privadas, instituições educacionais e até mesmo de sindicatos de trabalhadores. Porque na verdade todos nós – pais, professores, comissários de bordo, banqueiros de investimentos, porteiros – somos, em algum nível, responsáveis por enfrentar emergências.

A pedagogia única da Arte da Percepção foi chamada de “inestimável” pelo Departamento de Defesa e reconhecida pelo chefe de operações navais por “estimular o pensamento inovador necessário para gerar futuros conceitos bélicos viáveis”. Depois de participar do meu seminário em um programa da Academia Nacional do FBI, o inspetor Benjamin Naish providenciou para que

eu o apresentasse ao Departamento de Polícia da Filadélfia, declarando: “Senti que meus olhos se abriram mais ... Será o treinamento mais inusitado que eles terão oportunidade de ver na vida.”⁴

E o que há de tão inusitado nele? Eu mostro figuras de mulheres nuas com os seios caídos sobre a barriga e esculturas feitas de penicos para ensinar a fina arte da observação acurada e da comunicação efetiva.

E funciona.

Tenho ajudado milhares de pessoas de diversas áreas da vida – escritórios de advocacia, bibliotecas, casas de leilão, hospitais, universidades, grandes corporações na lista das quinhentas maiores da *Fortune*, empresas de entretenimento, bancos, sindicatos e até mesmo igrejas – a fortalecer e aguçar suas habilidades de análise visual e pensamento crítico. E posso ensinar isso a você.

Todos nós precisamos saber como identificar informação pertinente, priorizá-la, tirar conclusões a partir dela e comunicá-la – não apenas os profissionais das áreas médica e legal. Todos nós precisamos disso. Um único detalhe perdido ou palavra mal comunicada pode facilmente estragar o pedido de um cappuccino, um contrato de 1 milhão de dólares ou uma investigação de assassinato. Sei disso porque toda semana estou diante dos melhores e mais brilhantes e observo como eles perdem informação essencial... repetidas e repetidas vezes. Ninguém está imune a este fracasso em ver, nem presidentes nem carteiros, nem babás nem neurocirurgiões.

E aí observo como eles vão melhorando. Não importa se estou ensinando profissionais de atendimento a clientes ou tecnologia da informação, artistas ou arquivistas, estudantes ou peritos em vigilância – pessoas que já são boas no que fazem *invariavelmente* ficam ainda melhores. Assisto essa transformação a cada sessão, e estou muito feliz de ter a oportunidade de ajudar você também a se transformar.



JR, Women Are Heroes, Quênia, 2009: *Self-Portrait in a Woman's Eye*.

[Mulheres são heroínas: Autorretrato num olho de mulher]

Esta fotografia é um autorretrato do artista JR – ou pelo menos uma perspectiva dele no olho de alguma outra pessoa. Por conta de seus retratos fotográficos, ampliados até o tamanho de outdoors e pregados aos topos e laterais de edifícios em todo o mundo – para “dar uma face humana às áreas mais pobres do mundo”⁵ –, JR foi ganhando cada vez mais notoriedade. Isso acabou se tornando um problema porque, como nunca obteve permissão das autoridades para expôr as fotos, foram expedidos contra ele mandados de prisão em diversos países. Então, quando lhe pediram que criasse um autorretrato, ele hesitou em mostrar o rosto por medo de que isso pudesse facilitar sua prisão. Sua solução: *Self-Portrait in a Woman's Eye*. Adoro essa fotografia porque ela sintetiza perfeitamente a ideia por trás da Arte da Percepção: mudar a nossa perspectiva e as nossas expectativas mais do que jamais imaginamos ser possível.

Pense neste livro como o seu novo autorretrato. Você pode usá-lo para recuar um passo e ver a si mesmo por meio de novos olhos. Qual é a sua aparência para o mundo? Você se comunica bem? É bom observador? O que está atrás de você, ao seu redor, e dentro de você?

Com este livro, você aprenderá como aguçar seu processo inerente de coleta de informações, seu pensamento crítico e estratégico, sua tomada de decisões e sua formulação de habilidades de investigação, usando para isso o impressionante computador que temos apoiado no pescoço. No entanto, ao contrário de outros livros escritos por psicólogos ou jornalistas, este que você tem em mãos não lhe *dirá* apenas o que o seu cérebro pode fazer ou como as pessoas usam seus próprios cérebros até o limite: ele *mostrará* isso a você.

Vamos usar o mesmo treinamento interativo que utilizo para trabalhar com líderes ao redor do mundo. Vamos praticar a conciliação de conceitos mais amplos com detalhes mais específicos, a articulação de informação visual e sensorial, bem como sua transmissão de maneira precisa e objetiva, com o auxílio de nenúfares, mulheres de espartilho e um ou dois nus.

Dê uma olhada na próxima fotografia. Ela não foi retocada nem alterada digitalmente; o que você vê realmente existia dessa maneira. O que você acha que está ocorrendo na foto, e onde ela foi tirada?

A resposta mais comum que recebo é que são flores num velho prédio abandonado para algum tipo de instalação artística. E isso está parcialmente correto. Trata-se de um velho prédio, as flores são reais, e foram colocadas ali intencionalmente por uma artista. Que tipo de prédio você pensa que é? Vemos um corredor com muitas portas, e uma janela no final desse corredor. As pessoas tentam adivinhar que é um prédio de escritórios ou alguma escola, mas não é. É algo que a maioria das pessoas nunca considera: um hospital psiquiátrico.



Anna Schuleit Haber, *Bloom: A Site-Specific Installation*, 2003

Quando o Centro de Saúde Mental de Massachusetts foi condenado à demolição após noventa anos de funcionamento para abrir espaço para instalações mais modernas, a artista Anna Schuleit Haber comemorou seu fechamento enchendo-o de algo de que ele sempre carecera. (É triste saber que sua inspiração nasceu da observação de que pacientes em hospitais psiquiátricos raramente recebem flores, uma vez que não há o desejo de uma recuperação rápida.) Seu trabalho, *Bloom: A Site-Specific Installation* [Floração: uma instalação *site-specific*], vira de cabeça para baixo a nossa ideia sobre serviços de saúde mental. Nós não associamos cor vibrante a um edifício em deterioração nem esperamos ver vida brotando das alas de uma instituição psiquiátrica. Do mesmo modo, este livro vai alterar a maneira

como você observa o mundo. Você verá cor e luz e detalhe e oportunidade onde jurava que não havia nada disso. Verá vida e possibilidade e verdade nos espaços mais vazios. Verá ordem e achará respostas nos lugares mais caóticos e bagunçados. Nunca mais verá as coisas da mesma maneira.

Todas as minhas solicitações para apresentações ao vivo da Arte da Percepção provêm de recomendações entusiásticas, porque, uma vez que os olhos das pessoas se abrem, elas não conseguem se calar sobre isso. Querem que todos vivenciem a mesma revelação e gratificação. Participantes de cursos passados inundam minha caixa de e-mails com histórias de como o treinamento lhes deu mais confiança em seus empregos, ajudando-os a obter promoções, melhorando seu atendimento a clientes, duplicando ou triplicando os resultados de suas arrecadações de fundos, aumentando suas notas em testes-padrão e até mesmo mantendo seus filhos longe de desnecessárias classes de educação especial.

Aprender a ver o que importa pode mudar também o seu mundo. Convido-o a abrir os olhos e ver como. Aposto que você descobrirá que nem sabia que eles estavam fechados.

PARTE I

Avaliar

Só encontramos o mundo que procuramos.

HENRY DAVID THOREAU

1. Leonardo da Vinci e perder a cabeça

O valor de ver o que importa

QUANDO DERRECK KAYONGO ENTROU no chuveiro do seu quarto de hotel na Filadélfia, notou algo que milhões de viajantes de negócios e famílias de férias antes dele tinham visto, sem prestar muita atenção: o minúsculo sabonete na prateleira do canto. Ele era diferente. Em vez da barrinha verde que usara na noite anterior, havia uma pequena caixa de papelão no lugar. Dentro dela, um sabonete novinho em folha.

O nativo de Uganda, que quando criança deixara tudo para trás ao fugir com a família da ditadura assassina de Idi Amin, era recém-graduado numa faculdade americana, e vivia com um orçamento apertado. Ele desligou a água, vestiu-se e levou o sabonete não usado para o balcão da recepção.

“Quero ter certeza de que não vou ser cobrado por isto aqui”,¹ disse ao funcionário. “Eu não usei, e não preciso dele.”

“Ah, não se preocupe, é cortesia”, respondeu o recepcionista.

“Obrigado, mas já recebi um ontem quando cheguei”, Kayongo explicou. “Onde está aquele?”

“Nós substituímos o sabonete dos hóspedes todos os dias”, assegurou-lhe o recepcionista. “Não cobramos nada.”

Kayongo ficou chocado. Todo quarto, todo dia? Em todo hotel? No país inteiro?

“E o que vocês fazem com os sabonetes velhos?”, indagou. Ao contrário das lascas de sabão usadas nos campos de refugiados em que ele crescera, o sabonete do hotel era bastante substancial; parecia quase novo mesmo depois de ele tê-lo usado.

“O serviço de limpeza joga fora”, disse o recepcionista, dando de ombros.

“Onde?”

“No lixo comum.”

“Eu não sou um grande matemático”,² Kayongo me diz, “mas rapidamente percebi que, se só metade dos hotéis fizesse isso, era uma incrível quantidade de sabonete – centenas de milhões de sabonetes simplesmente sendo jogados em aterros sanitários. Não consegui tirar isso da cabeça.”

Kayongo ligou para o pai, um ex-fabricante de sabão, na África e contou-lhe a novidade.

“Você não vai acreditar. Nos Estados Unidos, eles jogam fora o sabonete depois de terem usado apenas uma vez!”

“As pessoas aí podem se dar ao luxo de desperdiçar sabão”, o pai lhe disse.

Mas, na cabeça de Kayongo, era um desperdício a que ninguém podia se dar o luxo, não quando ele sabia que mais de 2 milhões de pessoas, a maioria crianças pequenas e bebês, ainda morriam todo ano de doenças diarreicas, que podiam ser facilmente prevenidas pelo simples ato de lavar as mãos com sabão. O sabão era um item de luxo que muitos na África não podiam se permitir, e, mesmo assim, nos Estados Unidos, ele era simplesmente jogado fora. Kayongo decidiu tentar fazer alguma coisa com o lixo do seu novo país para ajudar o antigo.

Depois de voltar para casa, em Atlanta, ele pegou o carro e percorreu os hotéis locais, perguntando se podia ficar com os sabonetes usados.

“Primeiro acharam que eu estava maluco”, recorda ele, um sorriso transparecendo pela sua voz ao telefone. “Por que você quer esses sabonetes? São sujos. Sim, esse era um problema. Mas podemos limpá-los. Podemos limpar sabão!”

Kayongo encontrou uma instalação de reciclagem para esfregar, derreter e desinfetar os sabonetes que juntava, e assim nasceu o Global Soap Project [Projeto Sabão Global]. Desde então ele já reciclou toneladas de sabão e distribuiu sabonetes com novos propósitos, salvando vidas. Além disso,

divulgou também um programa de educação higiênica junto a pessoas de 32 países em quatro continentes. Em 2011, Kayongo foi merecidamente nomeado um dos “Heróis” da CNN.³

À diferença dos heróis dos velhos filmes e das fábulas gloriosas, não precisamos ser os mais fortes, velozes, espertos, ricos, simpáticos ou sortudos para fazer diferença no mundo. As pessoas de maior sucesso nos tempos modernos – gente como Bill Gates, Richard Branson, Oprah Winfrey e Derreck Kayongo – provam que não importam os atributos físicos que temos ou não, nosso nível de educação, nossa profissão, nossa posição na vida ou onde moramos.

Hoje, podemos sobreviver e prosperar se soubermos como ver.

Ver o que está aí que os outros não veem. Ver o que não está aí e deveria estar. Ver a oportunidade, a solução, os sinais de advertência, a forma mais rápida, a saída, a vitória. Ver o que importa.

Mesmo que não tenhamos como objetivo elogios na primeira página, a observação aguçada e acurada produz grandes e pequenas recompensas em todos os aspectos da vida. Quando uma funcionária da limpeza de um hotel de Minneapolis notou uma moça jovem sozinha num quarto, sem fazer contato visual, sem estar vestida para o clima frio e sem bagagem, informou a gerência e ajudou a revelar uma rede internacional de tráfico sexual. Quando um astuto garçom num café israelense lotado notou que o pequeno estudante que pedira um copo de água suava profusamente e vestia um sobretudo num dia quente, olhou mais intensamente e viu um fiozinho saindo da grande sacola de pano preta do garoto. Sua observação impediu que o menino detonasse um explosivo que o chefe de polícia local disse que teria causado “um enorme desastre”.⁴

A habilidade de ver, prestar atenção naquilo que frequentemente está de pronto acessível bem na nossa frente, não é somente um meio de evitar desastres, mas também o pré-requisito para grandes descobertas.

Enquanto milhões de pessoas curtiam o prazer de usar um sabonete novo no hotel diariamente, só Kayongo viu o potencial para um programa de

reciclagem capaz de salvar vidas. O que fez com que ele visse exatamente a mesma coisa que os outros, mas de maneira diferente?⁵ A mesma coisa que permitiu ao montanhista amador suíço George de Mestral olhar para baixo, para as suas meias cobertas de carrapichos, e ver um novo tipo de aderência; a descoberta de Mestral do que ele chamou de velcro revolucionou a forma como astronautas e esquiadores se vestem, livrou uma geração inteira de crianças de ter de aprender a amarrar os sapatos e ainda rende US\$ 260 milhões por ano em vendas. O mesmo aconteceu com Betsy Ravreby Kaufman, uma mãe de Houston, que viu em ovos de Páscoa de plástico um jeito de cozinhar ovos duros sem a casca. Cansada de perder comida e tempo com o processo de descascar ovos, que além disso provocava uma enorme sujeira, Kaufman concebeu uma maneira de ferver os ovos em recipientes em forma de ovo desde o começo, eliminando assim a necessidade das cascas. A sua invenção, os Eggies,⁶ recipientes plásticos com tampa em formato de ovo, venderam mais de 5 milhões de unidades apenas em 2012. Foi também a habilidade de ver que ajudou a propulsionar Steve Jobs, o ícone da Apple, para o topo da pirâmide tecnológica. Segundo Jobs, “quando você pergunta a pessoas criativas como elas fizeram determinada coisa, elas se sentem um pouco culpadas porque na realidade não a fizeram; simplesmente viram algo”.⁷

Leonardo da Vinci atribuía todas as suas realizações científicas e artísticas ao mesmo conceito, que ele chamava de *saper vedere* – “saber ver”.⁸ Podemos chamar essa aptidão de “inteligência visual”.

Parece fácil, não? Basta simplesmente ver. Nós nascemos com essa habilidade; na verdade, queiramos ou não, o nosso corpo vê. Se os seus olhos estão abertos, você está vendo. Mas há mais no processo neurológico do que apenas manter as pálpebras erguidas.

Uma breve biologia da visão

Não sou cientista, mas fui criada por um – meu pai é parasitologista –, então eu sabia que a melhor maneira de investigar por que vemos do modo como

vemos não era simplesmente lendo os estudos de ponta sobre visão e percepção humanas, mas saindo e conhecendo as pessoas que conduziam esses estudos. Minha primeira parada: o dr. Sebastian Seung.

Graças a sua cativante palestra do TED^a e ao EyeWire, o visionário projeto de mapeamento da retina que ele dirige, o dr. Seung é uma espécie de astro do rock da neurociência. Ao entrar em seu laboratório no novo Instituto de Neurociência de Princeton, um complexo labiríntico de vidro e alumínio, posso sentir minha pressão sanguínea subir. O edifício é intimidante desde o primeiro passo. Não há recepcionista nem quadro de informações, apenas um elevador aberto, sem qualquer referência. Entro no elevador e rapidamente determino que talvez não seja inteligente o bastante para o edifício. Não consigo fazer o elevador andar; por mais que aperte e segure os botões, eles não se mantêm acesos. Não há painel indicativo, nem entrada para cartão.

O socorro chega na forma de um jovem e afável estudante vestindo uma camiseta com a inscrição *ÁLGEBRA LINEAR É MINHA PARCEIRA*. Ele pressiona sua carteira de identidade contra um pequeno painel de vidro, e nós subimos. Digo-lhe quem eu vim ver.

“Boa sorte”, ele diz com um sorriso. Espero não precisar.

Retornar a Princeton é para mim mais ou menos como fechar um ciclo, pois foi lá que consegui meu primeiro emprego depois do curso de Direito. Morei pertinho da rua Nassau por cinco anos. Para manter a sanidade, durante os fins de semana fazia trabalho voluntário como docente no Museu de Arte da Universidade de Princeton.

Quando encontro o dr. Seung e vejo que ele está usando uma camiseta do Mickey, relaxo na mesma hora. Seung exala um charme fácil e tem o talento de fazer com que coisas extraordinariamente complexas não pareçam tão complexas assim. Conforme ele me explica, ver não tem tanta relação com os nossos olhos, como um dia já pensei.

Enquanto o nosso sentido da visão é mais frequentemente associado com os órgãos esféricos que ocupam as órbitas do crânio, na verdade é o cérebro que faz o trabalho pesado do sistema de processamento visual. Processar o